

Considerações acerca do processo de hibridização cultural sofrido pelo Cordel do Fogo Encantado: novas identidades em tempos de globalização

Ana Paula Campos Lima

Relações Públicas, Mestra em Comunicação e Administração (UFRPE).
Professora da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap, membro
do Grupo de Pesquisa Mídia e Cultura Contemporânea.

Resumo

O estudo objetiva perceber mudanças estéticas no Cordel do Fogo Encantado, a partir de materiais coletados e apresentações da banda. Reversões de elementos da cultura popular à influência de estilos urbanos são notadas, sendo o grupo uma representação do híbrido.

Palavras-chave: globalização; identidades; culturas híbridas.

Abstract

This research aims to identify an aesthetical change in the musical production conceived by the Brazilian group called Cordel de Fogo Encantado, analysing both the material produced by the group and its performance in the stage. It is already possible to perceive that the Cordel de Fogo Encantado has been reconverting its cultural production from the popular influence (the group has roots in the country) to the urban influence, in order to get in touch with the metropolitan youth.

Key-words: Globalization, Identities, Hybrid Cultures.

O grupo musical Cordel do Fogo Encantado surgiu em Arcoverde - Pernambuco, a partir de um espetáculo de teatro montado em 1997 por três dos cinco integrantes que atualmente compõem a trupe e que, na época, vivia no citado município do sertão pernambucano. O espetáculo que deu origem ao nome da banda trazia poesias de diversos autores: do poeta popular Zé da Luz, passando por uma carta enviada por Lampião ao então governador de Pernambuco, trechos de profecias de Antônio Conselheiro, e versos do próprio vocalista do grupo, Lirinha (ARCOVERDE... , 1999).

O espetáculo viajou pelo interior de Pernambuco fazendo parte do circuito de peças com apoio do Serviço Social do Comércio – Sesc/Pe. Em 1999 o grupo foi visto pelo produtor recifense Gutierrez que os convidou para que realizassem um show durante o carnaval no Recife, no pólo Rec Beat, bairro do Recife Antigo, de bandas da capital. A aceitação por parte do público foi imediata, e o convite da produção para que os jovens se mudassem de vez para o Recife também. O quinteto é formado por Lirinha, Clayton Barros, Emersom Calado, Nego Henrique e Rafa Almeida. Os dois últimos foram convidados no Recife a integrar o Cordel para completar o trabalho percussivo da banda, que tem como instrumento melódico o violão (CORDEL DO FOGO ENCANTADO, 2000). Dos componentes iniciais de Arcoverde, apenas três levaram a proposta adiante.

Os elementos que integram o espetáculo foram trazidos pelos cinco rapazes, e assim como eles, têm as mais diversas origens: Lirinha tinha encantamento pelas poesias que ouvia nas vozes de violeiros e repentistas que passavam pela fazenda de sua família. Aos nove anos, ele decorava e declamava versos extraídos de cordéis. Emerson é descendente de índios Xucurú, que vivem em uma reserva no município de Pesqueira, próximo a Arcoverde, e traz uma experiência como percussionista na sua cidade (Arcoverde) de bandas de “rock pesado”(LIRA FILHO, 1999). O violonista Clayton Barros, é autodidata e tocava música popular brasileira – MPB à noite nos bares, além de se identificar com as manifestações populares da região, como samba de coco e reisado. Já Nego Henrique e Rafa Almeida trazem as bases do umbanda, no Morro da Conceição, onde tocam desde criança (Ibidem).

A TRAJETÓRIA DA BANDA: DO LOCAL AO GLOBAL

Três anos após o lançamento do espetáculo teatral em Arcoverde, o grupo gravou o primeiro CD, produzido pelo percussionista Naná Vasconcelos. Hoje todos os integrantes moram em São Paulo, e têm na metrópole espetáculos lotados durante o ano inteiro, além de espaço na mídia televisiva nacional. Em de 2001, fizeram uma turnê internacional, estiveram na Bélgica, Alemanha e França, e também conquistaram o prêmio de banda revelação concedido pela Associação Paulista dos Críticos de Arte – APCA.

O Cordel fez sua primeira apresentação no Recife, desde a mudança definitiva para São Paulo e o lançamento do CD. O show aconteceu no Teatro Guararapes, onde 2.405 pessoas presentes lotavam o local e não paravam de dançar, cantar e declamar os poemas junto com o vocalista da banda. O que seria uma representação do rural, no caso, de Arcoverde, através do figurino que remete às brincadeiras da região e dos versos de poetas populares, versos que contam histórias de amor, comédia e o drama do sertanejo que luta contra a seca, os combates de Lampião, tudo carregado com o sotaque e a linguagem do povo de uma região, tantas histórias; parece adquirir um novo significado diante de uma platéia que, a exemplo de Lirinha, interpretava os versos dando a estes uma forte carga emocional.

A referida representação das tradições do local, parece acontecer em decorrência da busca de identidade a partir da multiculturalidade construída no global, através de características culturais conservadas em comunidades carentes dos países subdesenvolvidos, consideradas ameaçadas por não se integrarem ao mundo global. Com a perda do sentido dos primeiros conceitos de identidade ligados ao Estado-nação, faz-se necessário outro. E é essa mesma necessidade que faz com que tenhamos consciência de que identidades não são nem estão nunca completas, finalizadas. Ao contrário, estão em permanente processo de construção. São discursos contados a partir do ponto de vista dos demais (CANCLINI, 1993). E no processo de construção as indústrias comunicacionais têm um papel crucial: Dentro de este proceso multideterminado de transnacionalización, las industrias comunicacionales siguen ocupando lugares preminentes, tanto respecto de la globalización como de la modernidad. Podríamos decir que, en ningun otro aspecto, ni en la educación ni en la vivienda ni en la salud, los pueblos latinoamericanos exhiben un acceso tan masivo a la modernización como el que promueven estas industrias culturales fuertemente internacionalizadas (Ibdem, p. 259).

Tem se tornado cada vez mais notória na área cultural a globalização, visto que, tanto os meios de comunicação quanto os sistemas de informação permitem a circulação de produtos, imagens e idéias, levando a novas experiências de vida, agora sob a ótica do capitalismo. Isso torna a esfera cultural um ambiente complexo e diverso onde a proposta global permeia ignorando as fronteiras, chegando aos grupos culturais locais. As influências do teatro, dos versos populares, do carisma hipnótico do vocalista, e o que chamamos de elemento-chave, essencial no conjunto descrito: a busca geral que vem ocorrendo em várias cidades, estados e países, por elementos identitários que fogem aos padrões mais conhecidos da cultura massiva, inserem neste mosaico, características de música, danças, instrumentos, vestes e termos comuns nas culturas populares locais.

A DEMANDA POR NOVAS IDENTIDADES

As identidades nacionais, para Canclini, estão em fase de reorganização a partir de novas referências, em um momento de

incertezas já que não se pode mais falar em grupos fechados, autônomos como de símbolos e costumes exclusivos de um único país (CANCLINI, 1993). Jesús Martín-Barbero percebe em tal fato uma possibilidade reforçada, a partir da democracia, que vai de encontro ao que é somente hegemônico, e permite assim a diversidade e o local com todas as suas diferenças: “Quizas hoy una democracia es la capacidad que tenemos de convivir com la diversidad, com las diferencias” (MARTÍN-BARBERO, 2003). O segundo CD, O Palhaço do Circo Sem Futuro, trata do universo com o qual os integrantes da banda se depararam depois a mudança para São Paulo e os shows no exterior: novos elementos que deram ao trabalho temas como religião, guerra, caos do futuro e saudade. Observando os últimos shows da banda Cordel do Fogo Encantado (em especial a apresentação realizada em novembro de 2002, no teatro da UFPE, que lotou o local durante o lançamento do CD) a impressão que se tem é de que o público que consome a música produzida pela banda continua se identificando com o novo trabalho, compreendendo as novas temáticas e propostas dos “encantados” da mesma forma.

BRINCANTES OU ROCKEIROS?

87

A hibridização proposta pela banda Cordel, partindo de elementos populares da sua região e mesclando-os com outros tidos pela atual juventude como universais, pode ser aplicada quando observamos os primeiros figurinos do grupo e as atuais roupas usadas durante o novo show, além das mudanças nos cenários dos espetáculos. O primeiro figurino com o qual o Cordel se apresentou em Recife se assemelhava aos trajes dos brincantes do Reisado das Caraíbas. Tal reconversão é tratada por Clayton Barros que, quando questionado com relação às mudanças no figurino dos cinco jovens que integram o Cordel do Fogo Encantado, ele conta que, assim como o espetáculo passou a transformar às novas influências, o figurino deixou de funcionar como representação da cultura popular de Arcoverde para mesclar o local e o global, já que atualmente todos os músicos do grupo são vestidos pela grife Cavaleira¹, famosa entre os jovens de todo o país. Um exemplo é a trajetória de Clayton Barros, que está no Cordel desde o início da banda, vestiu-se, assim como os demais encantados para o primeiro espetáculo, de brincante do reisado, usou sandálias e chapéus de couro (fortes ícones de sua região), camisas floridas, roupas de brechó, cabelos black power, cabeça completamente raspada e por último um penteado estilo moicano.

Atualmente o violonista se veste como os outros quatro integrantes do Cordel, com as roupas da Cavaleira, que considera bastante confortável e estas se adequam às luzes do palco (geralmente as roupas são em tons claros ou terra, sugestão do iluminador do espetáculo do Cordel do Fogo Encantado), sendo o figurino atual mais uma forma de representação das influências que os cercam: [...] a princípio a nossa idéia era: ‘vamos fazer um figurino?’ ‘Vamos. Mas como?’ ‘Desse jeito.’ Foi intencional o uso dos espelhos e das fitas, como também foi

intencional tira-los. Tava com uma carga regional muito forte. ‘Os representantes do reisado.’ [...] Eu usei muito camisa de botão e floridas, hoje eu me sinto mais confortável com uma camiseta e tênis, do que com uma alpercata de couro, que não tem nada de anatômico no pé. Eu comecei a refletir se aquilo não tava tentando forçar uma barra para simbolizar minha região. [...] E eu acho que são as influências, como o nosso segundo disco, a gente tá colocando imagens do presente (FONSECA, 2002).

Lirinha considera que tanto o figurino quanto o fato de cantar músicas do reisado nos espetáculos, alguns trechos gravados no primeiro CD, na música Foguete de reis ou A guerra, se tornaram motivo de cobrança do público, pela “conservação” na banda desses elementos oriundos de folguedos populares. Com base no aporte teórico cancliniiano, é possível afirmar que, assim como no popular, no massivo também não há elementos ‘isolados’, principalmente nas propostas de hibridizações culturais feitas pelos jovens na atualidade, pois o massivo está presente não só na arte como também nos trajés: Lo masivo circula tanto por los cuerpos, la ropa, [...] la organización del espacio urbano. El poder ideológico que asocia un símbolo con la juventud y genera un modo de interpretar lo que significa ser joven no reside únicamente en la publicidad, ni en el diseñador, ni en los medios; circula por esos y otros espacios sociales, actúa gracias a las maneras en que se cruzan y combinan (CANCLINI, 1996, p. 8).

ANÁLISE VISUAL DOS ENCANTADOS

O receio de que os rapazes do Cordel perdessem, a partir do contato cada vez maior com o universo massivo, as características que os ligavam às manifestações populares de Arcoverde, posteriormente souo como uma prisão para a banda, que não tinha a intenção de ser vista como representante de um determinado movimento ou grupo cultural de Arcoverde, mas ser cada vez mais autoral na música que criavam e executavam (FONSECA, 2002): Esse olhar em cima dos símbolos, ele provoca a retirada do reisado do figurino do Cordel. Porque o Cordel não é reisado e a gente não quis ser conhecido por aquilo. O reisado existe nas Caraíbas, ele é muito mais forte do que a gente cantando eles, por que eles trazem uma verdade superior, por que é deles aquele sentido, e a gente eliminou do Cordel músicas do samba de coco, músicas do Reisado das Caraíbas. Por incrível que pareça a gente ganhou mais respeito ainda com esses grupos. Por que ficou muito claro que a relação da gente não seria de releitura, mas de influências (LIRA FILHO, 2002).

Confirmando as afirmações do violonista Clayton Barros, a imagem dos outros músicos do grupo também refletem o momento atual deles: Lirinha com cabelos mais curtos e barba sempre feita mantém a simplicidade no estilo. Entre os percussionistas, Emerson Calado tingiu os cabelos com um forte tom de vermelho, colocou no lábio inferior um piercing, tem um estilo urbano

de se vestir que lembra a moda difundida entre os skatistas e tatuou parte do braço direito, Nego Henrique cortou as trancinhas afro que possuía desde sua entrada no Cordel, enquanto Rafa Almeida, assim como Emerson, tingiu os cabelos de um tom alaranjado. Os primos, integrantes vindos do Recife, escolhem roupas e óculos de sol estilo surfwear (ENSAIO, 2001).

Assim como os temas e as composições, os cenários dos espetáculos dos “encantados” também apresentam modificações. Enquanto os primeiros cenários eram construídos pelos próprios integrantes da banda, de forma simples e rudimentar, painéis de tecido com pinturas que lembram as rupestres, o novo cenário é considerado um espetáculo a parte por quem assiste; que torna a apresentação algo para ser ouvido, e principalmente visto. Composto de quatro figuras que permeiam os temas das músicas e marcam a ligação com o show apresentado anteriormente pelo grupo: uma lanterna, um beato, um canhão e uma santa, todos construídos com vitrais iluminados em diferentes momentos da apresentação (TELES, 2002).

Outro fato de forte simbologia, assim como as mudanças já comentadas, é que o Cordel do Fogo Encantado, que antes trazia um importante elemento cênico nos momentos em que Lirinha declamava poemas durante os espetáculos: um candeeiro (lâmparina). Hoje, em momentos semelhantes do show há na palma de cada mão do líder da banda dois pontos de neon azul, que podem ser considerados partes da nova iluminação do show, assim como o novo cenário, figurinos, entre outros. Com isso, é possível retornar às idéias de Canclini, que nos apresenta uma cultura popular dinâmica, apesar de diferente, híbrida na contemporaneidade, não ficando à margem de fenômenos que ocorrem exclusivamente nos campos popular, erudito e massivo. Não deixando de ser as manifestações populares elementos de características únicas, mas que não se perdem através do tempo ou desaparecem ao compartilhar espaço com diferentes elementos do massivo através da indústria cultural, como se estivessem em extinção: “[...] la heterogeneidad es multitemporal, La industria no elimina las artesanías, la democratización no suprime em forma evolucionista los hábitos autoritários [...]” (CANCLINI, 1996, p. 2).

O Cordel do Fogo Encantado parece também ter percebido, a partir da problemática das identidades, como Nilda Jacks observou na proposta de Barbero em seu “mapa noturno”, formas de abordar o tema levando em consideração além da relevância das culturas regionais e locais, “a possibilidade das identidades serem construídas ou reafirmadas também através dos meios de comunicação, pois trata-se de admitir a existência de novos modos de operar e perceber a identidade” (JACKS, 1999, p. 37).

Assim fez o Cordel, ao reverter espontaneamente buscando novas inspirações e elementos identitários nas fontes dos populares de Arcoverde, em um momento crucial quando tudo parecia igual (Lirinha chegou a sentir isso na turnê internacional do Cordel, quando

percebeu em vários países, a busca por algo que os tornassem diferentes), ao se remeter a elementos específicos dos folguedos e danças da sua região, buscando novas identidades como base para a criação de uma nova arte. [...] existia nesse momento, eu acho que uma resposta ao sentimento de homogeneidade que a geração da gente em particular vive, que é um sentimento ligado à globalização. Então seria uma resposta, um contrapeso à dialética da vida, contra essa coisa homogênea, seria as características individuais que a pessoa procura acentuar. Então, nesse momento, eu teria intenções artísticas de desenvolver um trabalho artístico, e vendo o samba de coco, o reisado e tal, eu tinha naqueles elementos a minha diferença em relação a outras culturas. Então a gente tentou levantar símbolos que representassem a nossa diferença (LIRA FILHO, 2002).

Apesar de construídas a partir da memória, as identidades cultural e nacional nem sempre significam a mesma coisa. Jacks considera que “A identidade cultural sempre realiza a contextualização do homem com seu meio, seu grupo social, sua história, em um processo de consciência que impede sua alienação” (JACKS, 1999, p. 64). A identidade desempenha um papel fundamental na relação entre sujeito e realidade, agindo como instrumento de mediação entre os processos de produção e apropriação de bens culturais. Essa mediação “garante o significado da produção cultural e o sentido do consumo de bens simbólicos, sem o qual esse consumo torna-se um processo vazio, podendo vir a ser um ato alienado e alienador” (JACKS, 1999, p. 65).

Para uma melhor compreensão das mudanças rumo ao massivo por nós percebidas realizadas pelo grupo musical Cordel do Fogo Encantado desde a mudança de domicílio dos primeiros integrantes da banda de Arcoverde para Recife até o momento atual, criamos uma subdivisão para as imagens, em três fases: Na Primeira o cenário era formado por painéis de tecido rústico com pinturas semelhantes à rupestre, assim como os desenhos dos primeiros figurinos. Outro figurino da primeira fase, comum em fotos de algumas das apresentações, se assemelhava às roupas do Reisado das Caraíbas. Para as primeiras fotos solicitadas pela imprensa pernambucana o próprio cenário dos espetáculos (painéis de tecido) era utilizado. É possível notar também pouca preocupação dos rapazes com suas próprias imagens. Na Segunda Fase, com o lançamento do primeiro CD e os prêmios que a banda passou a ganhar, o espaço na mídia aumenta consideravelmente. São produzidas novas fotos para jornais, revistas e sites. Os rapazes apresentam estilos mais individuais e maior cuidado com a própria imagem. Um elemento cênico marca o espetáculo do quinteto: o candeieiro, que com sua chama ilumina as intervenções poéticas do vocalista Lirinha. A Terceira Fase é marcada pelas fotos produzidas em estúdio. Cada um passa a reforçar o estilo próprio que adotou na sua imagem. Novos instrumentos, figurino (da grife Cavaleira), iluminação e cenário, mas uma essência quase que intocável em se tratando da poesia e força cênica, presentes desde o primeiro

show do Cordel. No entanto, a chama do candeeiro cede espaço às de luzes de néon, localizados nas mãos do declamador do Cordel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os encantados trouxeram em sua proposta artística algo diferente do que já havia sido feito no Recife por movimentos culturais que se assemelhavam no seguinte ponto: partir do popular. E se diferenciava ao trazer elementos do sertão e buscarem novas formas de identidade, com os pés fincados na terra seca, incendiada pelo sol, e os olhos no resto do universo. A partir de personagens e folguedos característicos do sertão nordestino, com um espetáculo ainda teatral, os garotos do Cordel, permitiram, a partir do olhar de cada componente, mesclar nos trajes chapéus e couro, tecidos rústicos, tatoos e piercings aproximando o regional reizado do hard core, transformando um violão que era só cantoria, em uma feroz guitarra. Eis que os encantos, que partiram tímidos do sertão de Arcoverde, Pernambuco, tornaram-se híbridos e ganharam o mundo. O Cordel parece não se encaixar (pelo som e por conta do figurino) nem entre os brincantes muito menos entre os pop stars do rock. Assim como fazem com a música os encantados repetem com a forma de vestir: mesmo fazendo uso de uma mesma grife, cada músico cria seu próprio estilo mesclando roupas da Cavalaria e acessórios próprios, de outros estilos (colar, corte ou cor de cabelo). Quando ocorre um processo como o acima descrito, a demanda por novas identidades coloca em questão antigos paradigmas, como o de uma identidade nacional. Tal fato torna a comunicação um laço no processo de transnacionalização cultural, que valoriza o diferencial de cada localidade como ponto identitário. Os meios de comunicação são responsáveis pela base formadora do imaginário social dos diferentes grupos. Estes veículos, através dos quais a banda arcoverdense dissemina sua proposta, por formarem o universo atual, são, junto à proposta dos elementos populares presentes nas composições e ritmos dos encantados, razões para a aceitação da proposta por parte do público. Tais propostas inovadoras com a do Cordel do Fogo Encantado abrem espaço para que o rural mostre outras facetas, como, por exemplo, quão plural são as culturas populares locais e quão férteis podem se mostrar no global.

91

NOTAS

¹A grife Cavalaria começou a ser difundida a partir do grupo musical Sepultura (reconhecido internacionalmente), integrado a princípio pelos irmãos Max e Igor Cavalaria. Hoje é uma das marcas mais populares entre o público jovem. Mais informações em: CAVALERA, 2003.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCOVERDE gera banda promissora. *Diário de Pernambuco*, Recife, 23 fev. 1999. Viver, p. 6.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas y estrategias comunicacionales*. In: SEMINÁRIO FRONTEIRAS CULTURALES: IDENTIDAD Y COMUNICACIÓN NA AMÉRICA LATINA, 1996, Stirling. Anales... Stirling: Universidade de Stirling, 1996. p. 1-13.

_____. *Nacionalismo y globalización: el debate multicultural*. Sociológica, [S.l.]. año 8, n.21, p. 257-267, ene./abr. 1993.

CAVALERA, marca de Igor do Sepultura, mostra a moda total black power na SP Fashion Week. Disponível em: <<http://globonews.globo.com/GloboNews/article/0,6993,A346267-27,00.html>>. Acesso em: 26 mar. 2003.

CORDEL DO FOGO ENCANTADO. *Cordel do Fogo Encantado*. Produção: Naná Vasconcelos. Recife: Fábrica Estúdios, 2000. 1 CD (49 min).

ENSAIO. Direção: Fernando Faro. Produção Executiva: Lillian Aidar. São Paulo: TV Cultura, 2001. 1 fita de vídeo (60 min), VHS, son., color.

92

FONSECA, Moisés Clayton Barros. Entrevista concedida a Ana Paula Campos Lima. Recife, 27 nov. 2002.

JACKS, Nilda. *Querência: cultura regional como mediação simbólica: um estudo de recepção*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.

LIRA FILHO, José Paes de. Entrevista concedida a Ana Paula Campos Lima. Recife, 3 dez. 1999.

_____. _____. Recife, 27 nov. 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Comunicaciones y sociedad civil*. Disponível em: <<http://commposite.uqam.ca/videaz/bio/jemaen.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2003.

TELES, José. O circo de uma banda com futuro. *Jornal do Commercio*, Recife, 28 nov. 2002. Disponível em: <<http://jc.uol.com.br/jornal/noticias/ler.php?codigo=39551&canal=29>>. Acesso em: 6 dez. 2002.